

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

KARINA FREDIANI FRANÇA

TATIANE TACIELE MORAIS PRADO DE OLIVEIRA

Renata Bernardo

Márcia Aparecida Amador Mascia

**A IMPORTÂNCIA DE PENSAR AS INTERAÇÕES SOCIAIS
PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

Itatiba

2022

Dedicamos este trabalho aos nossos passados, atuais e futuros alunos, pois sem eles nós jamais seríamos o que somos hoje, jamais pensaríamos como pensamos hoje, e jamais seríamos o profissional de amanhã.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos ajudado nesse projeto de pesquisa. A nossa família, pelo apoio e incentivo que teve conosco em todo o decorrer do trabalho. E aos nossos professores que nos orientaram no caminho certo, para que obtivéssemos um resultado final.

A IMPORTÂNCIA DE PENSAR AS RELAÇÕES SOCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

TATIANE TACIELE MORAIS PRADO DE OLIVEIRA

KARINA FREDIANI FRANÇA

RA 002201904257

RA 002201904213

RESUMO

A inserção de crianças diagnosticadas, ou em processo de diagnóstico de autismo, nas escolas de Educação Infantil vem crescendo exponencialmente. Uma das maiores características do autismo se encontra em relação às interações que aquela criança tem com o mundo ao seu redor, suas dificuldades motoras, de fala e de interação, dificultam o trabalho já não tão simples da Educação Infantil e acabam criando um isolamento social que será prejudicial para a criança. Mas como trabalhar a dimensão social se nos deparamos com crianças que possuem limitações nesse campo? A partir de um levantamento bibliográfico das obras de Vygotsky e demais autores, defenderemos no artigo, a partir da perspectiva histórico-cultural, a importância de pensar as interações sociais e a sociabilidade de alunos diagnosticados com autismo, como uma dimensão pedagógica e não apenas deixá-la ao acaso do dia a dia, para sustentarmos nossos argumentos, aproximarmos a dimensão social e a sua importância as zonas de desenvolvimento propostas por Vygotsky.

Palavras-chave: relações sociais, autismo, zona de desenvolvimento, Vygotsky.

INTRODUÇÃO

As vivências em sala de aula proporcionadas pelos estágios obrigatórios e não obrigatórios, desenvolvem dúvidas sobre como ocorrem e se manifestam as relações interpessoais entre crianças deficientes, principalmente as crianças diagnosticadas com autismo e os demais alunos da sala num contexto de Educação Infantil. Já que vistas de um ponto de vista adultizado e neurotípico, essas relações sociais se mostram difíceis e em certos momentos se parecem quase inexistentes

Dois dos documentos mais significativos para a educação brasileira, a BNCC (BRASIL, 2018) e a LDB (BRASIL, 2013) em seus artigos e competências discorrem e revelam que os fatores de integração/relação social são cruciais e obrigatórios ao

desenvolvimento das crianças pequenas. A primeira das competências estipuladas pela BNCC no campo do desenvolvimento infantil é

[...] na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. (BNCC, 2018, p. 40)

É possível notar que a BNCC sofre influências da teoria histórico cultural desenvolvida por Vygotsky (1997), pois segundo seus estudos, sucintamente, pois discorreremos sobre ela mais para frente, o ser humano é fruto de influências do seu biológico, e do meio histórico e social em que vive, da mesma forma que ele influencia no mundo ao seu redor. Se contextualizarmos isso para o ambiente escolar, as interações mediadas e não mediadas que as crianças estabelecem com os adultos e as crianças nesse ambiente contribuem para sua formação.

Porém, com fazer com que as relações sociais da criança sejam feitas de forma significativa para o seu desenvolvimento na idade pré escolar? Para ele, a inclusão dessas crianças no ambiente escolar é de “... suma importância não fechar essas crianças em grupos específicos mas *praticar* com elas o convívio com outras crianças da forma mais ampla possível.”. (VYGOTSKY, 2004, p. 389, grifo nosso). Salientamos a palavra: praticar, pois é baseado nesta palavra a tese deste artigo, então cabe aos educadores descobrirem e desenvolverem essas “novas formas” e “praticá-las”.

Partindo desse pontos, discutiremos como as teorias de Vygotsky contribuem para o entendimento das relações sociais para o desenvolvimento de crianças com autismo e de como é importante que essas relações sejam planejadas pelos educadores, este presente artigo, tem como objetivo fazer um levantamento bibliográfico sobre o que essa teoria, que explica sobre a relevância das interações sociais para o desenvolvimento infantil e repensar como essas teorias podem ser aplicadas em sala de aula.

O artigo irá se subdividir em três importantes partes, uma breve apresentação sobre o autismo e suas características; as relações sociais no ambiente escolar e a importância de Vygotsky para os estudos dessa área; e por fim, propor uma reflexão de como a teoria histórico-cultural se entrelaça no ambiente escolar da inclusão e como elas servem de base para um (re)planejamento do trabalho docente.

1 AUTISMO

O TEA (Transtorno do Espectro Autista), ocorre devido a um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, algumas funções neurológicas não se desenvolveram em

algumas regiões cerebrais como deveriam ser, causando alguns sintomas, como a maneira de agir, falar, pensar, etc.

Alguns dos sintomas são: a criança gosta de brincar sozinha, atraso no desenvolvimento da criança, e às vezes, a mesma fica inquieta e sorrindo. Esses são alguns dos sintomas, como também a falta de comunicação em alguns casos.

O transtorno do espectro autista, é uma que envolve o neurodesenvolvimento, ou seja, é onde se caracteriza as dificuldades de se comunicar. 83% das crianças que possuem o TEA, podem sofrer danos no seu desenvolvimento. Já nos primeiros meses de vida, o TEA pode começar a se desenvolver.

Segundo Pierre (2014), o diagnóstico do autismo pode ser feito a partir dos 14 meses. O autismo faz parte da diversidade humana, e do ponto de vista estático, ele é classificado como uma anomalia, e pode ser entendido como algo fora do padrão, em outras palavras, o Autismo não é patológico.

Em geral, a ciência pode investir muito mais em conhecimento, para que possa colher mais informações sobre o que é o Autismo, suas etiologias, e também, sintomas e tratamentos, para que as pessoas com autismo possam ter uma vida melhor e mais digna. A maneira de identificar o TEA, é através de três perguntas (A criança olha nos olhos? Ela segue alguns comandos? Ela imita, brinca?), que são essenciais para saber se a criança tem autismo. Sendo assim, é possível identificar o Transtorno do Espectro Autista e os sintomas. Mas, ressaltando, as crianças que possuem o Autismo não são incapazes, mas sim, capazes de realizar as tarefas designadas, de acordo com as particularidades de cada um.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, o termo "Autismo" foi usado pela primeira vez no ano de 1952, quando tinha descrição da esquizofrenia. A partir dos anos de 1980, tudo foi mudando, e foram denominados outros termos de acordo com os sintomas que eram apresentados, como ausência de interação, déficits graves na linguagem, entre outros. Conforme dados deste mesmo ano, a prevalência era de 1 criança a cada 10.000. Mas atualmente esses dados estão atualizados, e a cada 59 crianças, 1 é diagnosticada com autismo. Isso ocorre devido à evolução dos estudos sobre o assunto, o que facilita a descoberta das pessoas que possuem esse diagnóstico.

Os exames realizados de imagens como ressonância magnética, tomografia computadorizada e de sangue, não devem ser realizados, pois não ajudam no diagnóstico. Hoje em dia é possível fazer alguns testes nas crianças e pessoas com autismo para saber o nível em que se encontra. O motivo deste teste, é que quanto mais cedo for detectado, mais chances a criança tem de ter uma vida com autonomia e independência.

No Brasil já existem algumas formas, ou seja, instrumentos que foram validados e que auxiliam nessa identificação comportamental ou dos sintomas do autismo nas crianças.

Este instrumento visa fazer a identificação precoce deste transtorno em crianças com idade de 18 e 24 meses, nesse período.

Segundo a *Childhood Autism Rating Scale (CARS)*, possui distinção dos casos de autismo leve, moderado e grave, além das crianças que possuem deficiência intelectual.

Os scores variam de acordo com o domínio de cada criança, sendo 1 dentro dos limites da normalidade e 4 sintomas de autistas graves. Essa pontuação possui variação de 15 a 60, na qual seu ponto de corte é 30 para o autismo.

Vale ressaltar, que essas pontuações (escalas) não faz a substituição de uma observação do especialista, que será realizada de maneira individual e funcional nas crianças, visando os comportamentos para uma observação qualitativa.

Atualmente, a partir das mudanças que ocorreram, os diagnósticos do autismo são possíveis de serem feitos com os sub diagnósticos associados, onde a pessoa com autismo pode ter outros sintomas além dos que já existem no TEA.

Segundo o DSM V, "*cerca de 70% das pessoas com TEA têm alguma doença coexistente, e 40% dos indivíduos podem ter dois ou mais transtornos associados.*"

Alguns casos de pessoas com Autismo, podem vir acompanhados de epilepsia, seguidos de convulsões. Algumas comorbidades atreladas ao TEA, são déficit de atenção, hiperatividade, transtorno bipolar, tiques, síndrome de Tourette, transtorno obsessivo-compulsivo, entre outras.

Embora possua vários estudos e pesquisas sobre o assunto, precisa de muito mais para que seja descoberta mais comorbidades que são desenvolvidas pelo Transtorno do Espectro Autista, para que possa ser entendido melhor essas relações.

Sobre os termos de gravidade, a princípio era usado apenas leve, moderado e grave. Atualmente, foi modificado para o TEA como Nível 1, 2 e 3, baseado nos níveis de apoio e intervenção que as pessoas com autismo precisam receber. Conforme os níveis vão aumentando, vai se agravando mais os sintomas, e conseqüentemente, aumenta mais o apoio para com as pessoas que têm o TEA. Veja como funciona os níveis:

No nível 01, as crianças necessitam de pouco auxílio, de intervenção terapêutica, e na maioria das vezes conseguem aprender e utilizar os recursos. Um dos sintomas que mais apresentam nesse nível, é quando acontece uma mudança repentina na rotina da criança.

Já no nível 02, as crianças necessitam de mais apoio e intervenção terapêutica, pois nesse nível acontece um número maior de déficits em relação a interação social.

E por último nível 03, a situação fica mais delicada em relação aos níveis anteriores. A criança precisa de apoio intenso, pois a comunicação verbal e não-verbal é bem difícil de acontecer, suas interações com as demais crianças são bem limitadas e bem difíceis de acontecer. Esse seria o nível que apresenta sintomas mais graves nas crianças.

Segundo Kanner, o autismo foi descrito como uma forma brilhante. Em um de seus artigos científicos publicados, ele relata o caso de duas crianças com três características comuns entre si, que faziam com que seu comportamento fosse diferente das crianças de mesma idade. Essas crianças apresentavam sintomas como ecolalia, que é a repetição por palavras que são ouvidas; a presença de estereotípias, movimentos corporais repetitivos sem propósito aparente, e a inversão pronominal, utiliza a terceira pessoa. Por exemplo, ao invés de dizer “Quero água”, usava “Pedro quer água.”

Vale ressaltar que as estereotípias verbais são repetições automáticas das frases, sons, palavras que são enunciados por ele mesmo, de forma mecânica, sem nenhuma finalidade linguística.

Alguns sintomas mais comuns são a estereotípias motora, que são os movimentos de balançar as mãos, andar na ponta dos pés, e também, mover o tronco para frente e para trás, fazendo isso em busca de sensação física de prazer ou uma regulação sensorial. No Brasil, o número de adolescentes e crianças portadoras do transtorno do espectro autista é de seiscentos mil, uma incidência que equivale a 1% em todo o mundo.

O TEA abrange todas as classes sociais, étnicos e raciais, ou seja, possui uma distribuição de forma globalizada, incluindo as classes ricas e os países subdesenvolvidos e países pobres.

Os fatores e causas do autismo são genética, fatores ambientais e "mães geladeira". Esses são os possíveis causadores do desenvolvimento do autismo. Segundo estudos, a genética apresenta dados das famílias que já possuem, um filho portador de autismo, a possibilidade do segundo filho também ser portador é de 10%. Gêmeos idênticos, se um for diagnosticado, as chances são de 36% a 95% do outro também possuir o mesmo diagnóstico. Essa porcentagem sofre alteração para 30% em relação aos gêmeos não-idênticos. Os fatores ambientais estão relacionados às doenças congênitas como rubéola, encefalite, e também se relaciona ao uso de drogas e a má nutrição materna, poderiam produzir alterações cerebrais e desenvolver esse comportamento na criança.

No terceiro possível fator, "as mães geladeira", seria pelo fato de não dar atenção ao seu filho, se mostram como mães violentas e negligentes. Há também um mito sobre a vacinação, que seria um dos fatores, na qual diziam que a vacina, em 1997, desenvolveu o Transtorno do Espectro Autista, mas diversos estudos científicos comprovaram que isso não era de procedência verdadeira.

2 VYGOTSKY

Uma das teorias mais conhecidas das relações sociais na educação é a teoria histórico-cultural de Vygotsky (1997). O psicólogo russo, em seus escritos, defende como o

meio social interfere no desenvolvimento das crianças. Este meio social citado, se refere às relações que a criança estabelece com as pessoas, objetos, sociedade e cultura ao seu redor. Todos eles são carregados de signos e significados que são construídos historicamente. Vygotsky (1997) não exclui o fator biológico do indivíduo, mas o inclui como um aspecto que auxilia a compreender a sua forma de aprendizado.

Essas relações começam a partir de seu nascimento, onde essas, são completamente mediadas pelos adultos de sua família, que buscam através de suas práticas de cuidado integrar a criança ao meio cultural a qual fazem parte. Essas relações não são apenas de fala, mas quaisquer ações que desencadeiam uma interação entre dois ou mais indivíduos que tenham sentido. (VYGOTSKY, 1997). Quando ingressam na escola, os relacionamentos entre pares com outras crianças trazem consigo novas e diversificadas interações que irão ajudar na sua formação como sujeito e em como ele se enxerga no mundo. Para as crianças pequenas, em idades de creche e pré-escola, essas convivências as ajudam no desenvolvimento de suas capacidades, pois, segundo Vygotsky (1997), é a partir das relações mediadas que esta criança terá com professores e demais funcionários e crianças da escola que ela começara a entender melhor o seu entorno e começara a desenvolver novas habilidades úteis socialmente.

Seus estudos também abrangem as dimensões da Educação Inclusiva e do trabalho com crianças deficientes. Como escreve Vygotsky (1997) “ a criança cujo desenvolvimento é complicado por um defeito, não é simplesmente uma criança menos desenvolvida (...) mas uma criança desenvolvida de outra forma.” (Vygotsky, 1997, apud RIBAS, 2021, p. 25). Quando pensamos no desenvolvimento de crianças típicas, pensamos no movimento de dentro para fora, então a partir das suas necessidades, observações e imitações a criança irá aprender gradativamente a cultura e sociedade que á cerca, porém quando vamos analisar o processo de aprendizagem de uma criança neurodivergente, ele deve ser realizado de fora para dentro, então a sociedade, cultura e relações sociais devem ser apresentadas e ensinadas para a criança, que gradualmente se adapta àquele meio, porém levando-se em consideração que as limitações e velocidades que aquele indivíduo necessita para aprender. Importante também é considerar o ambiente em que ele se encontra "se as estimulações bruscas e barulhentas são insuportáveis para crianças dessa natureza, a sua vida deve ser organizada de modo que se garanta o silêncio e a tranquilidade." (VYGOTSKY 2004, p. 390) Sabemos que em um ambiente de Educação Infantil, silêncio e tranquilidade não são sempre as maiores qualidades do ambiente, porém pensaremos aqui em que ambientes aquelas crianças conseguem permanecer de forma parcialmente voluntária. A exemplo: um autista que coloca objetos à boca, ou os arremessa, é necessário que esteja um ambiente onde os brinquedos sejam compatíveis com esses comportamentos, mas importante é ele estar em ambiente que vai contribuir para o seu desenvolvimento que um

lugar onde apenas será colocado em sala. Ao trabalharmos com essas crianças é importante que pensemos nas habilidades que precisam ser construídas para que assim elas possam ocupar novos espaços.

Chegamos aqui a outra contribuição do autor para a pedagogia: as Zonas de Desenvolvimento.

Vygotsky divide as zonas de desenvolvimento em duas fases: A Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), corresponde àquelas habilidades que a criança consegue realizar sozinha, pois já estão consolidadas, como, por exemplo: segurar um copo para tomar água e levar uma colher à boca. E a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) condiz com o que a criança consegue realizar com mediação e ajuda de terceiros, porém ela caminha para conseguir realizar essas ações de forma autônoma, a exemplo: abrir uma garrafinha de água e montar um quebra-cabeça. (VYGOTSKY, 1997)

Habitualmente as avaliações, que são realizadas nas escolas, tem como objetivo avaliar esse desenvolvimento real, o conhecimento que já lhe foi consolidado, medindo a crianças por um conhecimento passado. Porém, para o autor, o conhecimento que se encontra na zona de desenvolvimento proximal é muito mais significativo sobre a aprendizagem da criança, pois mostra aquilo que ela está em processo de aprender e que precisa ser trabalhado, que é muito mais valioso, pois abre um leque de novas possibilidades que podem ser trabalhadas pelo educador.

3 AS RELAÇÕES SOCIAIS DO AUTISTA NA ESCOLA

A criança com autismo possui dificuldade em interagir com os demais amigos na escola. Os professores tentam ajudar no processo de interação, mas é algo bem complicado pois ocorre de forma lenta e necessita de muita atenção e intervenção. Uma das formas de identificar uma criança com autismo no ambiente escolar, é através do isolamento nas atividades e brincadeiras em grupo, sempre isolados dos demais e utilizando brinquedos disfuncionais.

Para o autista, a escola é importantíssima, pois através das interações e atividades propostas por ela que há a possibilidades de desenvolver o aprendizado, é também, uma maneira mais ampla de estar interagindo com as demais crianças.

A eficácia do ambiente escolar é do profissional da educação, faz com que todo esse "medo" seja deixado de lado. Nos dias atuais, as escolas já estão usufruindo do termo "educação inclusiva", que nada mais é, trazer as crianças que têm alguma deficiência, entre elas o autismo para dentro do ambiente e escolar e gradualmente os integrando a sociedade, fazendo com que lhe sejam proporcionados o brincar, interagir e aprender. A

educação Inclusiva é um direito que foi adquirido para as crianças através de anos de luta e é um dever da sociedade. Por isso é muito importante que haja esse preparo pedagógico na hora de mediar suas interações das crianças diagnosticadas com TEA, independente de qual seja o grau, o importante é ela se sentir acolhida ao interagir com os demais colegas e professores. Essa quantidade de interação, vai depender do comportamento esperado, da organização para cada fase do desenvolvimento, sendo considerado também a reciprocidade das relações e do indivíduo, na qual serão reconstruídas e protagonizadas, ou seja, é a organização e o comportamento social. Segundo (HARTRUP 1992); na área da psicologia do desenvolvimento, as relações próximas ajudam no desenvolvimento de habilidades sociais.

O processo de socialização que é realizado na grande maioria das instituições escolares segue a premissa de inserir a criança no ambiente e esperar que a parte dela a vontade de estabelecer relação com os demais e superar e vencer suas dificuldades. Porém, é equivocado, esperar que crianças neuro divergentes se adaptem como crianças neurotípicas. A falta de planejamento de como essa criança será inserida nesse ambiente, que em parte dos casos, não condiz com o nível mental em que ela se encontra, fazendo com que nem o ambiente e nem os estímulos sejam feitos de forma que priorize seu desenvolvimento. Apontamos no capítulo acima, da necessidade dessa inclusão ser feita de dentro para fora, ou seja, é necessário que a socialização desse indivíduo esteja preocupada em trazer elementos do mundo externo para o universo daquela criança. Esta prática, obviamente, não ocorrerá de forma rápida e tranquila, é passível de várias incógnitas, mas ainda assim, são nas práticas constantes que acontecerão as evoluções,

Planejar as interações, é pensar em estratégias, como jogos e brincadeiras, feitas de formas instigadoras ou dirigidas, que possibilitem que aquele aluno possa participar da atividade proposta com ou sem auxílio de um adulto. Trazer de forma compulsória as interações e não esperar passivamente que a criança resolva interagir, faz com que ela saia do seu estado de repouso, na zona de conforto e se ponha em movimento, proporcionando assim, uma evolução da ZDR para a ZDP.

Para planejar essa interação, usaremos como base de pensamento as zonas de desenvolvimento. O que ela já sabe fazer e o que ela faz com ajuda de terceiros. Precisa-se-á realizar uma avaliação, de que habilidades de encontram em cada fase da zona de desenvolvimento. Exemplificando: se em momentos de roda, ela aceita se sentar perto dos seus colegas ZDR, porém não participa das atividades proporcionadas na mesma, é hora de pensar em intervenções que podem ser feitas para que esse aluno participe dos momentos de roda, inicialmente com a ajuda de um auxiliar, as repetições e a constância ajudaram que aquela criança possa evoluir para a ZDP, e posteriormente consolidar aquela aprendizagem (VYGOTSKY, 2004). Como havíamos discutido anteriormente, é necessário

apresentar a essas crianças, novos objetos e formas de se relacionar, para que assim seu repertório seja expandido, inicialmente de uma forma artificial, para que se desenvolva em algo natural.

Outro ponto importante a se pensar é na questão de habilidades básicas que aquela criança precisa desenvolver para que sua vida se torne cada vez mais autônoma, habilidades tais como pedir e beber água e ir ao banheiro. Isso se torna uma complicação já que alguns autistas se encontram ou em estados de não verbalidade ou apáticos a essas necessidades. Para isso é necessária a estimulação para que ela use outras ferramentas ou formas de comunicação, como placas com imagens de sua garrafinha de água, seu brinquedo favorito, lugares que ela goste para que ela possa apontar e demonstrar o seu desejo. Ou o uso de alguns aplicativos como o “Matraquinhas” que oferecem áudio de tarefas e objetos que aquela criança deseja. Em, Psicologia Pedagógica (2004), Vygotsky (2004) discorre sobre como as palavras são importantes para que os seres humanos consigam atingir o que ele chama de “funções psicológicas superiores”, que seria a nossa consciência, as nossas memórias e a nossa imaginação. (VYGOTSKY, 2004).

Quando pensado esse processo de estimulação nas crianças para a socialização, é relevante que todo esse processo de planejamento do desenvolvimento da criança seja feito de forma global e não isoladamente por cada parte da vida da criança, ou seja, a escola, a equipe médica e os pais devem estar em sintonia. Pois o processo de estimulação precoce em crianças diagnosticadas com autismo, pode amenizar déficits, tanto sociais quanto motores. Já que é na idade de 0 a 3 anos que os bebês encontram-se no maior nível de neuroplasticidade (NUNES, 2020). O registro destes planejamentos e de suas evoluções irá ajudar que os futuros profissionais, sejam eles médicos, professores ou estagiários, possam entender aquele aluno e tenham mais bagagem para seus planejamentos. E nasce aqui uma das maiores críticas ao sistema atual de inclusão nas escolas públicas, a individualidade do trabalho e a falta de comunicação entre todos os profissionais que trabalham com o aluno.

As crianças que possuem autismo, tendem a ter um pouco mais de dificuldades na hora de interagir com as demais crianças, pois acontecem situações na qual vão exigir um pouco mais de sua atenção, da sua iniciação e de sua reciprocidade. O contato visual também faz parte de uma das dificuldades que essa criança vai encontrar, dificultando assim seu engajamento com as demais crianças nas horas dos jogos de pares e quando tiver que seguir regras. As crianças possuem dificuldades na hora de iniciar interação e conseguir mantê-las.

Todo esse processo requer respeito para com a criança, pois tudo será feito no tempo dela e respeitando as diferenças individuais de cada um, para que elas possam aprender a conviver com as diferenças.

A inclusão escolar da criança com autismo, requer uma atenção da psicopedagogia, pois é necessário que haja uma intervenção na qual dê um ênfase no quesito semiótico com relação às crianças com deficiência.

A sociedade foi se adaptando, e as escolas passaram por alguns processos para que pudessem incluir essas crianças de forma correta, sem que houvesse contratemplos e sempre viabilizando a interação da criança com autismo com as demais crianças no ambiente escolar.

De acordo com as novas diretrizes curriculares, a legislação deu amparo para as crianças que possuem necessidades educacionais especiais, um dos casos são as crianças que possuem autismo.

Essas crianças acabam apresentando comportamentos diferenciados das demais, como um discurso reduzido e que dificulta a interpretação pelos pais, adultos, e no ambiente escolar pelos professores e demais alunos. A dificuldade que mais aparece é relacionada às ações que a criança tem, e que é interpretado como um comportamento sem significado.

Diante de vários aspectos, um deve ser ressaltado na educação do autista, que é sobre o significado de aprendizagem para ele, os sentidos que eles produzem a partir de suas interações e ações que são diversificados e que vão construir essa criança.

Através das relações, os significados serão construídos tendo como base todas as experiências que foram vivenciadas de todas as pessoas que estavam envolvidas, não podendo mais ser destituídos dos conhecimentos e das experiências, e que através desse processo de aprendizado, é possível que suas relações e sentidos sejam produzidos e significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças que possuem autismo tendem a ter um pouco mais de dificuldades na hora de interagir com as demais crianças, pois acontecem situações na qual vão exigir um pouco mais de sua atenção, da sua iniciação e de sua reciprocidade. O contato visual também faz parte de uma das dificuldades que essa criança vai encontrar, dificultando assim seu engajamento com as demais crianças nas horas dos jogos de pares e quando tiver que seguir regras. As crianças possuem dificuldades na hora de iniciar interação e conseguir mantê-las.

Todo esse processo requer respeito para com a criança, pois tudo será feito no tempo dela e respeitando as diferenças individuais de cada um, para que elas possam aprender a conviver com as diferenças.

A inclusão escolar da criança com autismo requer uma atenção da psicopedagogia, pois é necessário que haja uma intervenção na qual dê um ênfase no quesito semiótico com relação às crianças com deficiência.

A sociedade foi se adaptando, e as escolas passaram por alguns processos para que pudessem incluir essas crianças de forma correta, sem que houvesse contratemplos e sempre viabilizando a interação da criança com autismo com as demais crianças no ambiente escolar. De acordo com as novas diretrizes curriculares, a legislação deu amparo para as crianças que possuem necessidades educacionais especiais, um dos casos são as crianças que possuem autismo.

Essas crianças acabam apresentando comportamentos diferenciados das demais, como um discurso reduzido e que dificulta a interpretação pelos pais, adultos, e no ambiente escolar pelos professores e demais alunos. A dificuldade que mais aparece é relacionada às ações que a criança tem, e que é interpretado como um comportamento sem significado.

Diante de vários aspectos, um deve ser ressaltado na educação do autista, que é sobre o significado de aprendizagem para ele, os sentidos que eles produzem a partir de suas interações e ações que são diversificados e que vão construir essa criança. E para se criar o sentido dessas interações é preciso que ela seja realizada de forma planejada, por isso buscamos em Vygotsky uma luz para iluminar nosso caminho na hora de se fazer um plano de ação, pensar nas Zonas de Desenvolvimento como base para construir interações e socializações do autista de forma que seja pensada nas suas reais necessidades. Através das relações, os significados serão construídos tendo como base todas as experiências que foram vivenciadas de todas as pessoas que estavam envolvidas, não podendo mais ser destituídos dos conhecimentos e das experiências, e que através desse processo de aprendizado, é possível que suas relações e sentidos sejam produzidos e significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÍLIO TOMAZ MARQUES et al. **Autismo & Inclusão: Enfoque Multidisciplinar**. Boa Vista RR, Editora IOLE, 2022.

BISSOLI, Michelle de Freitas. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA: o papel da educação infantil. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 587-597, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722163602>

BRASIL. [BNCC] *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília DF, [2018] Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. [LDB] *Ministério da Educação. Lei de Bases e Diretrizes*. Brasília DF, [2018]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 20 jun. 2022

FONSECA, André Dione; COLARES, Anselmo Alencar; COSTA, Sinara Almeida da **EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIA, FORMAÇÃO E DESAFIOS** **Revista Educação & Formação**, vol. 4, núm. 3, 2019, Setembro-Outubro, pp. 82-103, Universidade Estadual do Ceará

GAIATO, M. S.O.S. **Autismo**. [s.l.] nVersos, 2018.

KERCHES, D. **Autismo**. [s.l.] Literare Books, 2022.

LEMOIS, E. L. DE M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 117–130, mar. 2014.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://togyn.tripod.com/o_papel_das_interacoes_na_sala.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2022.

MATTOS, L. K. DE; NUERNBERG, A. H. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, p. 129–141, 10 jun. 2011.

MOTA, Carol. **Autismo na Educação Infantil: Um olhar para a interação social**. 1 ed. Curitiba PR: Appris, v. 1, 2020.

NUNES, Mardeli dos Santos. KESSLER, Élide Ávila. A estimulação precoce como intervenção no tratamento da criança autista. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 02, Vol. 01, pp. 05-21. Fevereiro de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/estimulacao-precoce>>. Acesso em 12 de out. de 2022.

OLIVEIRA, M. **Educação Inclusiva na Escola - Autismo**. [s.l.] Editora Dialética, 2022.

ORTEGA, L. M. R. O LUGAR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuições da sociologia da infância e da psicologia histórico-cultural as pesquisas nesse campo. **Pedagogia em Ação**, v. 8, n. 1, 19 ago. 2016.

REGO, T. C. **VYGOTSKY: Uma perspectiva histórico cultural da educação**. Editora

Voices: Petrópolis- RJ, 2014.

RIBAS, Luana de Melo. **O processo criador da criança com autismo em espaços brincantes: imaginação-emoção e o coletivo**. 2021.212 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021

SANINI, Cláudia. **Autismo e Inclusão na Educação Infantil: Um estudo de caso longitudinal sobre a competência social da criança e o papel da educadora**. 2011. 173f. Tese de (Doutorado em Psicologia) Programa de Doutorado em Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, R. K. DOS; VIEIRA, A. M. E. C. DA S. **TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA): DO RECONHECIMENTO À INCLUSÃO NO ÂMBITO EDUCACIONAL**. *Revista Includere*, v. 3, n. 1, 11 set. 2017.

STRAVOGIANNIS, A. L. **Autismo Um Olhar Por Inteiro**. São Paulo: Literare Books, 2021.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo**. [s.l.] Editora Best Seller, 2016.

VIDAL, Marinália Lemos Gonçalves; PUCCI, Renata. A constituição histórica do espaço da Educação Infantil: uma questão de gênero. *Comunicações*, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 307, 7 abr. 2020. Instituto Educacional Piracicabano da Igreja Metodista. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15600/2238-121x/comunicacoes.v27n1p307-327>>. Acesso em 14 de jun. de 2022.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M.Books, 2015.